

# A CONSTRUÇÃO PRELIMINAR DA CRÍTICA AO CAPITALISMO: A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO EM MARX

*José da Silveira Filho<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este breve artigo intenciona mostrar a importância do método para construir a crítica do sistema capitalista num novo paradigma teórico e social. Começa recompondo o contexto histórico. Em seguida, coloca o método proposto por Marx para o qual este apresentou um rascunho desse primeiro trabalho crítico. Por fim, mostra a necessidade do estudo a fim de edificar nova sociedade. Para a sociedade burguesa se modificar noutra superior é preciso compreender a teoria capaz de exercer este papel transformador em consonância com a necessidade de que isso aconteça, permeada pela ação de trabalhadores conscientes desses motivos e embebidos dessa vontade.

**Palavras-chave:** Crítica; Método; Necessidade; Transformação.

## ABSTRACT

This short article intends to show the importance of method to build a criticism of the capitalist system in a new theoretical and social paradigm. It starts by recreating the historical context. Then, it presents the method proposed by Marx in which he developed a brief version of this first critical work. Finally, it reveals the necessity of studying so as to build a new society. In order for the bourgeoisie society to turn into a superior one it is necessary to understand the theory capable of exerting this transformative role in consonance with the need for it to take place, permeated by the action of workers that are conscious of the reasons and fulfilled with this wish.

**Key words:** Criticism; Method; Need; Transformation.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 DISCUTINDO O PROBLEMA DA RIQUEZA

Riqueza e pobreza constituem temas usualmente abordados pelos estudiosos da sociedade. Não é de hoje que tal assunto merece atenção, seja de leigos ou de cientistas. Principalmente quando esse contraste aflora com intensidade e aparência de não ter deparado solução ou caminho que permitisse encontrá-la. Desde a antiguidade grega, um dos berços longínquos da civilização, vários autores se debruçaram sobre a questão com diversas maneiras de enxergar. E os filósofos foram talvez os primeiros a colocar o problema em pauta, garantindo as interpretações iniciais que serviriam de base para os muitos outros estudiosos que adviriam.

---

<sup>1</sup> Economista. Graduado pela Universidade Federal do Paraná. Especialista e Mestre em Desenvolvimento Econômico pela mesma Instituição. Professor das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba nas disciplinas de Economia Brasileira Contemporânea e Contabilidade Social. C-eletrônico: [caju10@onda.com.br](mailto:caju10@onda.com.br).

Para além de reconhecer o fato, que é o que os olhos vêem à primeira mirada, é preciso desnudar a causa dele. E, aí abandona-se o terreno das aparências para saltar ao caminho da ciência. Encontrar a causa dos fenômenos sociais é buscar explicações para a consciência, para a sociedade que aguarda convincente resposta.

E existem dois pontos de vista fundamentais para tecer o que o cérebro há de entender. O primeiro seria considerar que pobreza e riqueza são acontecimentos espontâneos sem nenhuma ligação um com o outro. É um mero acontecer ao longo de milênios que se confunde com a fatalidade. Uns nasceram para ser ricos e outros nasceram para ser pobres. A natureza assim fez, assim sempre foi, assim sempre será e que os anjos digam amém. Este pensamento é uma fé, porque nada indaga, apenas aceita o fato e não o investiga. Acontece por acontecer, é porque é. Embora contenha pelo menos a identificação do problema, não se evolui um passo sequer na explicação. Apenas evidencia que os neurônios manifestaram certa capacidade mínima de compreensão superficial. Mas, há os crentes nessa convicção banal e que assim deva ser para todos. Talvez não sejam poucos àqueles que assim pensam.

O segundo ponto de vista mora num entrelaçamento. Riqueza e pobreza são vasos comunicantes. Estão em dependência mútua. As riquezas não brotam do nada. Nem resultam do trabalho de algum único e exclusivo homem, dotado de tão divina capacidade, que é capaz de sozinho tudo realizar e a um só estalo. Isto é lenda. Assim como é lenda a história de Robinson Crusoe, o naufrago que precisou trazer para uma ilha deserta e conseguir sobreviver sozinho as imprescindíveis ferramentas que a sociedade em conjunto produziu. A verdade mais elementar é que as riquezas são produzidas pelo trabalho de incontáveis pessoas em incontáveis divisões de tarefas. A desavença aparece na ingrata hora da apropriação dessa riqueza produzida. Na hora em que se defrontam os proprietários da riqueza, ou os seus delegados com plenos poderes, frente a frente aos produtores diretos dela. Este é o momento da onça beber água. O quanto há de caber a cada um desses dois atores sociais, a parte que lhes cabe partilhar resulta conforme o poder político e a posição social de que sejam ocupantes.

Agora, estas poucas e mal traçadas linhas vão começar a ficar trágicas. Cobrir-se de luto, retintas de sangue. E a imaginação vai tentar fazer as artes de reelaborar a quanto isso atingiu. Não são poucos os livros, muito menos as histórias, autênticas ou até quase míticas, dado a dimensão do embate, sobre as lutas sociais que envolvem quem fica com o grosso dessa riqueza, produzida em diversas e distantes paragens por esse mundo afora, não obstante de forma bem parecida.

## 1.2 AS LUTAS SOCIAIS

A Roma antiga amealhou riquezas a partir da escravização de diversas gentes, tiranizando três continentes. Praticou pilhagens. Aniquilou populações. Tratou-as como gado. A extração das riquezas era clara e direta, senhores ordenando e escravos obedecendo para perecer no próprio trabalho executado. Aos que titubeassem, experimentariam o açoite e o gume afiado das espadas. Alguns poetas, testemunhas desses sucedidos, como Juvenal, escreveram: “Devoramos os povos e só deixamos os ossos.” Sem contar que os povos insolentes o suficiente para brandir espadas contra<sup>2</sup> Roma eram tachados de bárbaros. Pertenciam ao rol dos inimigos da humanidade. Grandes negociantes e companhias se apropriavam das terras e minas conquistadas à espada, recebiam impostos e para eles trabalhavam os escravos em latifúndios. E a situação dos escravos foi realmente intolerável. Espessos volumes seriam necessários para descrever os horrores praticados. Não é esse o momento dessas letras. Porém, foi desse jeito que Roma se cobriu de glória, pompa e magníficas arquiteturas.

Mas, há ainda certos detalhes de apreço. Os escravos eram marcados com ferro em brasa para identificar-lhes a propriedade. Constituíam a maioria da população. Os mais fortes serviam como gladiadores nas arenas. Os mais cultos e hábeis em ofícios superiores trabalhavam em melhores funções, de preceptores a negociantes. Até que um belo dia... apareceu alguém para subverter a ordem “natural” das coisas: Espártaco. Apareceu um chefe de gladiadores com a força, a inteligência e a capacidade de organização suficientes para exercer habilidosa liderança e fazer Roma estremecer. Teve o desplante de propor aos escravos oprimidos uma guerra de libertação para a qual foi amplamente acatado. E promoveu tão suprema desonra que Roma jamais presenciara. Cidadãos romanos combaterem até a morte, uns contra os outros, exatamente como se habituaram a aplaudir e rir nos espetáculos dos gladiadores entre si. Somente que neste caso quem lhes apontava o dedo polegar, apontado para cima ou para baixo, em anúncio de viver ou morrer, eram os próprios gladiadores. Roma ficou marcada com ferro em brasa. Ultrajada. E, segundo consta nos autos<sup>3</sup>, Espártaco foi muito mais derrotado pela discórdia e lutas internas entre seus próprios pares do que pela ação de seus inimigos e, mesmo assim, a muito custo e sacrifício.

---

<sup>2</sup> BEER, M. *História do socialismo e das lutas sociais*: da antiguidade aos tempos modernos. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1968, p. 91.

<sup>3</sup> ————. *Opus cit.*, p. 106.

Agora, vamos perpetrar um salto no raciocínio. Pulemos da etapa escravagista para a etapa burguesa, quando o verdadeiro capitalismo está se organizando sob a égide industrial.

O trabalho deixou de ser escravo. Passou a ser livre na medida em que ninguém mais era forçado com chicote a executar o que não lhe aprouvesse. Os trabalhadores ofertavam sua capacidade de trabalho em troca de determinado salário. Dirigiam-se às fábricas onde lhes aguardavam as máquinas automáticas para lá produzirem as mercadorias a serem vendidas no mercado. Não eram obrigados a isso. Com o advento da Revolução Industrial<sup>4</sup>, ocorrida de início na Inglaterra, a partir de meados do século XVIII, acompanhada de uma menos intensa embora não menos importante Revolução Agrícola, as máquinas ferramentas com a apropriada e vigorosa impulsão das máquinas motrizes a vapor fizeram as fábricas despejarem rios de mercadorias padronizadas como jamais nenhum cristão havia antes pousado os olhos ou sequer cogitado essa possibilidade. A cada nova invenção aperfeiçoadora do fazer fabril essa quantidade de mercadorias multiplicava, mais caudalosa ficava e mais delas teria de ser vendidas, derramando-se muitas vezes para fora das fronteiras nacionais. Mercados locais seriam até pequenos por não conseguirem absorver tanta mercadoria. Inaugurava-se a superprodução e o mercado mundial. Vender-se-ia agora em escala planetária. Era já o claro prenúncio da globalização. Para isso acontecer, os trabalhadores, não importa se eram mulheres, crianças ou homens, também

---

### **O detalhe não revelado, segredo da riqueza capitalista, era que a origem do lucro habitava na capacidade de trabalho dos trabalhadores.**

---

verteram seu sangue, cérebro e músculos, suportando nos ombros e na alma, exploração de extraordinária truculência e perversidade em extenuantes jornadas de trabalho que os livros, desde os romances de literatura até os registros de inspeção das fábricas, bem souberam relatar em minuciosas observações. Os salários eram miseráveis, apenas para manter em pé aqueles que trabalhavam. O tratamento dispensado aos trabalhadores era muitas vezes a soco da parte dos supervisores. Pagava-se o mínimo para não matar a galinha dos ovos de ouro, senão acabaria a produção. Encontrava lugar o subconsumo. Os valores produzidos, metamorfoseados na figura de mercadorias, não pertenciam a quem diretamente os aprontavam. Eram de propriedade do capitalista que, após a venda, apropriava-se da porção de valor denominada lucro, enquanto os trabalhadores se apropriavam da porção de valor carimbada como salário. O detalhe não revelado, segredo da riqueza capitalista, era que a origem do lucro habitava na capacidade de trabalho dos trabalhadores. Só que estava oculto pela produtividade das máquinas e o pagamento dos salários. A extração da riqueza se tornou sutil. Não era mais evidente como no período do escravagismo. E a figura do capitalista, do indivíduo empreendedor, assumiu a aura de herói. Ele pagava salários. Todavia, utilizava a capacidade dos trabalhadores de tal forma a produzir dentro da fábrica valores em mercadoria muito maiores do que o que valiam os trabalhadores em termos de salário. Óbvio, esse excedente produtivo superior ao valor salarial não era pago. Este é o mistério desvendado do lucro auferido na produção capitalista. É a substância dele, batizada mais-valia.

Não é preciso forçar demasiado a imaginação para perceber que estas condições de exploração levadas ao extremo dariam vazão à violentas revoltas, mortes e tiros, além de tentativas de reformas sociais. Outros Espártacos teriam de surgir para conduzir estas refregas. Cada um à feição de seu tempo e moldado conforme as circunstâncias vigentes.

Como tratamos da Inglaterra, berço da grande indústria moderna, decorreram 100 anos de ingentes agitações. O motivo atuante nos bastidores era em si quase o mesmo de séculos já transpostos. Os trabalhadores, não obstante assalariados, sofriam ignominiosa exploração, repetida agora no palco do processo capitalista de produção. Esse estado tenebroso de coisas havia sido introduzido pela invasão de terríveis monstros infatigáveis de ferro, recém criados pela mão do homem, surgidos das nuvens como num passe de mágica, e responsáveis por todas as acres transformações de pacatos modos de viver. De súbito, os monstros surgiram: as máquinas. Os trabalhadores, em ingenuidade infantil, de primeira vista tomaram a criatura por seu criador. As máquinas eram culpadas da atrocidade de produzir miséria apesar das inumeráveis mercadorias produzidas. Troava a palavra de ordem para destruí-las. “-Destruam os monstros!”. E fizeram mesmo. Certo operário, chamado Ned Ludham, destruiu uma oficina têxtil<sup>5</sup>. Imediatamente foi acompanhado de seguidores, que viam neste gesto a solução. Nascia o ludismo, movimento espontâneo de quebra-quebra das máquinas com fases de ascenso e recuo. Era por assim dizer um Espártaco, porém bronco e inocente em termos de concepção de mundo. Mas, foi um lutador, embainhado da percepção de sua época até onde conseguia enxergar, seguido de revoltosos que lhe emprestavam ouvidos e fúria.

---

<sup>4</sup> AQUINO, R. S. L de, ALVARENGA, F. J. M de, FRANCO, D. A. e LOPES, O. G. P. C. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981, p. 121-129.

<sup>5</sup> BEER, M. Opus cit, p. 412- 414.

As poderosas lutas sociais e as decorrentes formas de encará-la num novo contexto histórico de revolução industrial, cercado de maquinismos inéditos bem como de proposição de soluções aos conflitos acende a centelha do socialismo moderno. Era a crítica ao capitalismo. Como conceber inumeráveis riquezas, originárias de engenhosos inventos, concebidos e manejados pela inteligência humana, que poderiam libertar os trabalhadores do sacrifício de viver, produzir tamanha miséria?... Desta questão concreta brota a questão teórica de interpretar e buscar resposta. Citemos outro prócer desse mosaico de lutas.

Robert Owen se distinguiu pela sensibilidade humana em comandar o processo produtivo fabril. Contrariou a jubilosa ignorância de como os trabalhadores eram habitualmente maltratados. Promoveu reformas radicais para a mentalidade da época. Reduziu a jornada de trabalho para 10 horas. Impediu crianças menores de 10 anos de trabalharem. Proporcionou um ambiente higiênico e saudável dentro da fábrica. Instituiu o ensino, previdência para cuidar da velhice e assistência médica aos trabalhadores. Conseguiu inclusive a diminuição espontânea do consumo de álcool e das seduções irresistíveis das tabernas. Inaugurou atitude inusitada, tomada por uma pessoa, por que não afirmar, genial para organizar, compreender, dirigir e liderar pessoas. E não se contentou com isso. Considerava que a solução para a miséria dos trabalhadores estava na própria máquina. O monstro de ferro de Ned Ludham era, na verdade, a autêntica resposta à miséria. Bastava os trabalhadores se associarem em cooperativas agrícolas e industriais, colocando as máquinas em seu benefício ao invés do benefício exclusivo do patrão. O veneno virava antídoto. E nosso herói foi mais adiante. Tornou-se socialista. Para ele, modificar as condições dos meios de trabalho modelaria um novo homem. O homem era produto desse meio. Assim acreditava, pois provava isso a si mesmo nas inovações sociais implementadas por ele mesmo dentro da fábrica que comandava. Decide então fundar colônias comunistas na Inglaterra e América, abandonando os negócios. Fracassa inapelavelmente. Owen se afasta do movimento operário.

Cada momento do desenvolvimento histórico engendra as correspondentes lutas junto de seus Espártacos, riscando o ar com suas espadas. Robert Owen foi outro deles, dentre vários. Todavia, o contexto envolvido então era bem mais cerebral e complexo, compatível com instrumentos de luta mais sofisticados. Owen lutou a seu modo e consoante sua cosmogonia. Utilizou as armas do reformismo social, da observação das condições de trabalho e da compreensão humana. Exerceu a função de bom patrão. Preferia o pacifismo sem subverter a ordem social<sup>6</sup>. Nunca exortou os operários à nenhuma revolução. O que permaneceu semelhante era a determinação de luta, de modificar o ambiente fabril, de homem resoluto e fiel às convicções aprendidas. Era, de fato, um Espártaco em nível mais intelectualizado. A época histórica assim exigia.

### 1.3 UMA NOVA DIMENSÃO PARA AS LUTAS SOCIAIS

Durante esse período conturbado, proliferante de lutas semeadas com o nascimento do capitalismo industrial (1750-1850), muitos homens prestaram sua oferta, do protesto pacífico às revoluções de armas na mão. Eram peles para as quais os trabalhadores já começaram a contar inclusive com teorias especialmente elaboradas para lhes infundir consciência e guiá-los. Tirá-los do ódio gratuito. Escritos que tentavam rascunhar suas esperanças, condições de vida e exercer a crítica na busca de alguma superação mais racional, embora de maneira ainda difusa, às vezes romântica, às vezes utópica, às vezes religiosa, freqüentemente sem objetivos bem definidos. De várias formas, nuances e matizes almejavam ser porta-vozes teóricos das aspirações e indignações dos trabalhadores nas lutas contra a exploração sem peso e medida. O estudioso pioneiro da reforma agrária como instrumento para corrigir a miséria social foi Tomás Spence<sup>7</sup> (1750-1814). Charles Hall<sup>8</sup> (1740-1820) estudou a luta de classes para isso colocando vis-a-vis capital e trabalho. Apresentou como solução reformas moderadas. Felipe Buonarroti<sup>9</sup> (1761-1837) escreveu livro com considerável influência sobre o movimento revolucionário, empunhando a bandeira da igualdade. Diga-se de passagem que nessas revoltas nem os padres escaparam. Alguns deles, de espírito mais crítico, dardejaram letras iradas contra a ordem econômica vigente, rebelando-se até contra a própria Igreja Católica formadora de suas consciências. Enfim, o que se quer sublinhar é o fato de não poucos lutadores terem se apoiado sobre algum estudo preparatório e não mais exclusivamente sobre ódio e indignação contra a injustiça. O fogo das armas não mais se sustentava por si. Os conflitos requeriam igualmente o fuzil do estudo crítico com o propósito de mirarem juntos contra a exploração capitalista. Era preciso forjar as armas da teoria, de uma nova teoria.

Em paralelo, sob foco de determinado ideário, para dirigir tantas lutas e organizar os trabalhadores foram surgindo diversas associações pela Europa. Uma delas nos interessa em especial. Trata-se da Liga dos Justos, originária de

<sup>6</sup> TAYLOR, A. *As grandes doutrinas econômicas*. 3. ed. Publicações Europa-América, 1965, p. 81-99.

<sup>7</sup> BEER, M. *Opus cit*, p. 350-352.

<sup>8</sup> *Opus cit*, *ibidem*, p. 354-358.

<sup>9</sup> *Opus cit*, *ibidem*, p. 373-376.

longas peijas, metamorfoses e antigas peripécias de trabalhadores em luta. Nessa altura dos entreveros estava banida, sediada em Londres, centro intelectual da agitação das idéias comunistas. Congregava operários, temperados no fogo das lutas sociais e já com certo traquejo teórico, e revoltados intelectuais socialistas, versados em filosofia e conhecimentos afins. Ali se reuniam a prática e a teoria, na figura de operários e intelectuais. Os primeiros requisitavam mais apuro intelectual e os segundos de prática real, calcada na vida concreta dos trabalhadores e não apenas de conceitos volteando airosos no pensamento que tudo resolve no gabinete. O curioso era que ambos permaneciam ainda em corpos quase

---

**O que se quer sublinhar é o fato de não poucos lutadores terem se apoiado sobre algum estudo preparatório e não mais exclusivamente sobre ódio e indignação contra a injustiça.**

---

estanques. Carecia algo e alguém para interligá-los de forma mais coesa sobre um mesmo denominador teórico. Faltava de fato uma teoria de unificação para projetá-los juntos, trabalhadores e intelectuais, nas lutas sociais. Havia necessidade de outros Espártacos.

Karl Marx e Friedrich Engels são convidados a participar da reorganização da Liga dos Justos<sup>10</sup>, uma sociedade secreta, cujos dirigentes já haviam percebido falhas nas práticas sectárias e conspiratórias, assim como as limitações teóricas, as concepções atrasadas, os sentimentalismos, as impulsões voluntaristas, as ilusões da pequena propriedade, os imediatismos, as boas intenções, como insuficientes para conduzir a bom termo o movimento dos trabalhadores nas lutas contra a descomunal exploração capitalista. Esses dois, ainda bastante jovens, haviam aderido por consciência de árduo estudo e vivência pessoal às posições dos trabalhadores. O primeiro principalmente se destacava por seus estudos filosóficos, profundo saber e penetrante capacidade de análise, com raro talento para discernir e desejo chamejante de perseguir a essência das coisas a que aos outros passava despercebido ou nebuloso. O segundo com sólidos conhecimentos filosóficos, contudo ainda mais reforçados pela vivência pessoal das condições de vida dos trabalhadores em seus subúrbios e labor nas fábricas. Marx era mais intelectual. Engels era mais prático, por assim dizer. Bela união.

O convite rendeu frutos. A continuidade dos estudos de Karl Marx, asseclado pelo firme apoio financeiro de Engels, em contato com a experiência de luta operária vai conduzir à unidade entre os que lutavam ainda sem orientação segura e os que pensavam longe do convívio da vida operária, enfurnados em suas abstrações, separados por um biombo de incompreensão ou pernosticismo. O biombo vai ser atirado pela janela. O movimento dos trabalhadores se funde com o socialismo dos intelectuais, todavia numa dimensão de elaboração teórica em patamar ultra refinado. Karl Marx interliga num todo coeso o que havia de principal no saber da época – a economia, a história e a filosofia - e procura demonstrar que a transformação da sociedade afim de ser compreendida exige na verdade novo paradigma científico, cujas bases de estudo repousavam na economia política. Era urgente entender o que é a sociedade burguesa, como se desenvolve e se modifica para propor sua transformação consciente. Esta conclusão é tanto mais incrível, pois quebra em cacos o senso comum, o imediatismo do primeiro olhar, das lutas desorientadas. Coloca em evidência que o aparente caos cotidiano da sociedade, em realidade, contém uma inacreditável essência condutora, traduzível em leis objetivas de comportamento econômico, seguidas inconsciente ou conscientemente pelas pessoas. As lutas dos trabalhadores se encaminham para uma nova dimensão de entendimento e orientação, aparelhadas agora com uma bússola de primorosa tecitura de lógica econômica, histórica e filosófica. A indecifrável riqueza e pobreza, havida pelo capitalismo, para as quais tanto se reclamava explicação, pelo menos mais substancial, adquiriu por fim esclarecimento científico. Uma nova ciência social advinha para superar a noção do senso comum que, antes, guiava praticamente sozinho as lutas operárias. Para superar o pauperismo em que padecia a classe trabalhadora, não bastariam apenas o fragor das greves, a redução da jornada de trabalho ou a legislação social protetora. Seria colocada na ordem do dia a revolução, quer dizer, uma transformação radical da sociedade burguesa sob a condução e perspectiva dos trabalhadores. O modo de viver e pensar teria de ser reconstruído a uma nova imagem e semelhança: a imagem dos trabalhadores. Para os capitalistas significou uma nefanda doutrina. Marx era o doutor vermelho.

---

<sup>10</sup> **Biografia Friedrich Engels.** Editorial Avante, Lisboa, 1986, p. 97-106.

## 2 O MÉTODO É A ALAVANCA E A ALAVANCA É O MÉTODO

Mas, como é que esse cidadão, lá da distante Alemanha, praticou essa proeza? O fato de ser da Alemanha ajudava bastante. Proporcionou o contato com as filosofias mais de vanguarda, ecos igualmente das contradições desse capitalismo nascente, procedentes de dois eminentes filósofos: Ludwig Feuerbach e Georg Hegel. A filosofia é a ciência do pensamento. Ela fornece as ferramentas de raciocínio para chegar ao conhecimento da realidade, embora atestem alguns ser este conhecimento impossível. Há correntes da filosofia que afirmam ser impossível conhecer a realidade. E Karl Marx propõe o contrário. Confecciona uma nova ferramenta de raciocínio, autêntica chave universal, para lhe servir de método desse conhecimento. Com o tempo, bem depois, essa ferramenta seria batizada de materialismo dialético, ao fundir a contribuição dos dois filósofos citados – o materialismo de Feuerbach e a dialética de Hegel. O primeiro dizia que o pensamento deve descer das abstrações celestes, do recôndito dos gabinetes isolados e distantes do mundo efetivo, para se embasar sobre a realidade das condições materiais de vida do ser humano. O segundo afirmava as idéias serem portadoras de inseparável contradição que terminava por gerar contínua transformação. Era como se as idéias contrárias, componentes de um todo, negando-se reciprocamente uma em oposição a outra, fizessem com que desse entrelaço crítico surgisse a superação em algo mais avançado do que antes eram. As idéias em antítese promoviam sua própria superação. No presente momento, esta explicitação relâmpago já nos auxilia um pouco, embora infelizmente não seja discutida em pormenor. Vai sim ser discutida em ligeiro tracejado a forma como o materialismo dialético foi diretamente aplicado para produzir o primeiro escrito condutor ao desvendar do desenvolvimento da sociedade capitalista. Queremos enfatizar que sem este método andamos ao léu, sem alavanca, as mãos nuas. O conhecimento da realidade econômica permanece no chão, estático, sem serventia.

### 2.1 PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

A obra máxima de Karl Marx, publicada em 1867, é “O Capital”. Disso não se duvide. Porém, até chegar nesse livro genial, houve uma travessia sinuosa por obras antecessoras, aliás travessia atropetada de percalços principalmente de penúria material do autor. Obviamente, as publicações anteriores ajudaram a amadurecer o pensamento, ordenar as idéias, perscrutar as minudências. Todavia, antes desse possante ficar pronto, houve uma obra preliminar, aguardada ansiosamente pelos amigos e companheiros. Marx prometia decifrar o segredo do capitalismo, para compreender-lhe as artimanhas e saber então como se dirigir à fera com o propósito de vencê-la. Era para ser um tiro de misericórdia no capitalismo. Intencionava praticar uma crítica demolidora mediante um livro arrasador. O doutor vermelho desenvolveu uma maneira própria altamente meticulosa de aprender, escrevendo esboços e rascunhos para si com o fito de dominar o assunto propriamente dito. Acumulou pilhas de cadernos com notas, apontamentos, comentários, dissertações pessoais, elaborados ao longo de infatigáveis paciosas pesquisas durante o dia por anos a fio no Museu de Londres, espécie de tesouro cultural em primeira mão da nata do saber da época. Desses calhamaços, saía o material bruto que, em seguida, ia ser depurado. Caso sirva o comparativo, assemelha o perfumista, recolhendo toneladas de pétalas de flor para produzir pequeno frasco de essência para misturar nos perfumes.

A tão ansiada obra para varrer a burguesia do mapa, promessa de raio a iluminar a escuridão do firmamento, foi só uma vela. Saiu em 1859. A consternação dos companheiros foi geral após a leitura. Ninguém entendeu nada. Em verdade, veio à luz um pequeno estudo, ainda despojado da arremetida demolidora contra o capital, todavia já continente do método dialético a ser usado munido das principais categorias que ressuscitariam melhor esculpidas posteriormente na obra máxima. Estavam ali em germe os rudimentos do que seria proximamente a obra definitiva, embora de trejeito um pouco fragmentário, sem ainda clareza mais transparente, evolução confusa, fragmentária, entrementes, ali, pousada sobre a mesa, na frente dos olhos. Chamava-se “Para a crítica da economia política”. Antes da publicação deste aguardado estudo, houve um rascunho teórico e metodológico<sup>11</sup>, realizado em 1857, para orientar a concepção do raciocínio. *Este é o trabalho teórico a merecer agora atenção*, onde o método inovador e certo conteúdo basilar aparecem desbravadores ao estudo maior ainda vindouro. A alavanca metodológica prometia retirar o conhecimento do chão. Seguiremos tratar como essa alavanca foi inicialmente forjada, o que contribuiria para estabelecer o novo paradigma teórico do socialismo científico.

### 2.2 O NOVO MÉTODO PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA BURGUESA

Marx critica a maneira como se entendia a economia através, por exemplo, dos economistas burgueses do século XVII. Eles partiam normalmente do exame do todo. Era o que lhes parecia acertado. Entestavam início pela população,

<sup>11</sup> Estes rascunhos nos quais Marx elaborava para si as idéias a serem posteriormente retrabalhadas e desenvolvidas recebeu o nome de Grundrisse que, em alemão, quer dizer traçados, desenhos, esboços, rascunhos.

a Nação, o Estado, o mercado mundial, enfim, principiavam por algum tipo de totalidade verificável no mundo real. À medida que avançavam, deparavam com determinados elementos comuns a todos esses diversos estudos. Topavam com o *trabalho*, a *divisão do trabalho*, o *dinheiro*, o *valor*, a *mercadoria*, o *mercado*,... como componentes básicos que permeavam as análises. Entretanto, consistiam partes isoladas para as quais não conseguiam uma conexão satisfatória entre elas, nem um entendimento sobre o que seriam, para afinal poderem costurar esses conceitos recém achados, juntando os retalhos, a fim de explicar a totalidade do sistema, expresso no que antes haviam principiado em partes soltas: o Estado, a nação, a população. Em verdade, adentravam num labirinto no qual terminavam por quase sempre se perder. Não encontravam a saída muito menos regressavam à porta de entrada.

Marx observa que o correto é começar pelos conceitos básicos descobertos no meio do caminho (*trabalho*, *valor*, *mercadoria*, *divisão do trabalho*...). Eles constituem as pedras fundamentais para construir o raciocínio verdadeiro. Verdade enquanto expressão fiel do mundo real. Primeiro desvendar os componentes simples, saber o que são, juntá-los coerentemente para poder chegar à unidade do todo mais complexo. Numa forma imagética, seria sair das pequenas partes constituintes do quebra cabeça, identificá-las, para conseguir reorganizá-las depois no conjunto. O fruto disso se denominava “unidade da diversidade”. Era o quebra-cabeças montado a partir das partes. Atingia a compreensão da realidade concreta, justo porque esta agora conseguia enfeixar os diversos aspectos que a compunham e determinavam. Marx, então concluía, em linguagem filosófica: “o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações”. Nossos economistas burgueses principiavam de um todo, achavam certas partes fundamentais dele, não conseguiam encaixá-las, nem discerni-las, e findavam sem compor a imagem que almejavam pretender ver desde o início do estudo a que se propuseram empreender. Era como se quisessem partir do pretense quebra-cabeças já montado, como imaginavam que fosse.

Havia agora resultado eficaz nesta nova proposição metodológica. O estudo deixava de ser algo caótico e confuso, que o mais das vezes poderia até se extraviar e pouco ou nada esclarecer. As partes poderiam agora aparecer relacionadas num conjunto harmonioso. Estavam costuradas. As representações de população, Nação, mercado mundial deixavam de ser conteúdos ociosos e adquiriam sentido e lógica internos.

Pelo método dos economistas burgueses, as representações da realidade levadas a cabo na imaginação se vaporizavam, como se esfumassem no ar, pois lhes faltava substância. Eram conceitos quantas vezes vazios. No método agora proposto por Marx, a amarração das determinações abstratas (*valor*, *mercadoria*, *dinheiro*, *trabalho*) conduzia à autêntica reprodução da realidade pelo pensamento. Formavam um pensamento consistente, consentâneo com a expressão da realidade. Conquistara robustez e sentido. O pensamento não era apenas pensamento. Era real. Algo que espelhava o mundo palpável.

O filósofo alemão Hegel, do qual Marx retirou parte do método que utilizou, também alimentou ilusões de compreensão. Pensava ter compreendido a realidade, mas era uma compreensão equivocada. Considerava que para entender o mundo bastava sintetizar uma idéia do que era ele, como se a idéia fosse capaz de produzir a si mesma, andar pelas próprias pernas, “se aprofunda em si mesmo” como se referiu Marx ao citar Hegel. Quase como dizer que a idéia tivesse concebido o mundo pelas próprias forças. O mundo era aquilo que os homens pensavam que fosse. Hegel se iludia porque não percebia ser esta a maneira espontânea e natural como o pensamento entende o mundo real ao primeiro relance. Olhamos para a realidade e a abstraímos na cabeça, constituindo uma idéia das coisas. Só que pensamos que o mundo foi plasmado a partir dessa idéia original. O mundo é entendido pelo senso comum através dessas abstrações, dessas idéias girando na imaginação. Todavia, o verdadeiro é o contrário. Vamos intercalar um exemplo para entender como Hegel compreendia o mundo. O homem imaginou a faca e desta idéia construiu o instrumento que precisava para cortar. Errado. A faca foi descoberta a partir da prática, quando o homem talvez se cortou ao resvalar ou topar com mais força numa pedra com gume, ponta ou em algo bem semelhante. Percebeu que aquela superfície afiada, dura, pontiaguda cortava com facilidade. Ou quem sabe a necessidade de bater com uma pedra, lascou-a de tal modo que o pedaço lascado ficou com um gume cortante, tendo nele lacerado as mãos. Esta situação concreta lhe transmitiu a percepção que poderia utilizar aquele achado especial para cortar, dilacerar, rasgar, funcionando como uma das primeiras ferramentas produzidas pelo homem. Estava nascendo a faca e a idéia de faca. À medida que usou e testou o objeto, pode aperfeiçoar, obter outros com melhores materiais. E assim a faca evoluiu em sua forma e eficiência. Esta situação pronta, com a faca já evoluída e acabada, dava impressão de que a idéia era independente do mundo e que o criara. O homem pensou em faca e, em seguida, criou o objeto. Era como se a idéia tivesse criado o mundo, surgido da cabeça a partir do nada. Era assim que Hegel pensava. Marx contrariou isto e asseverou que a idéia deve partir da realidade palpável e concreta, ser um espelho dela, e não ser preconcebida de maneira unilateral e imutável. Hegel foi virado de ponta-cabeça.

Marx coloca seus próprios exemplos para explicar. Vamos escolher dois dos mais importantes: o trabalho e o valor de troca. Observar como estes conceitos fundamentais não estão parados no universo. Não são imutáveis, padecem transformação, modificam-se no tempo e obedecem ao espaço geográfico. O trabalho, por exemplo, possui relação com as comunidades mais simples em que se defrontou. Pode ter existido num conjunto social bem mais complexo que o

incorporava, sendo uma relação ainda pouco aprimorada. É o simples que existe dentro do mais complexo<sup>12</sup>. Estas duas categorias (trabalho e valor de troca) acompanhadas de outras compõem o ato de produção efetivo. O mundo material construído pelos homens seria o resultado dessas ligações. É assim que podemos nos apoderar desse mundo e entendê-lo com nosso cérebro enquanto algo fixado pelo presente. O que não passa por nossa cabeça é que estas categorias, no caso mais específico o trabalho, foi algo que se modificou no tempo e no espaço e engendrou a totalidade do mundo que buscamos compreender. Marx invoca o mundo com a idéia de mudança constante. Nós aprendemos um mundo estático, pronto e preso ao momento presente daquilo que vemos mais de imediato e pensamos que assim sempre foi. É a ilusão das aparências. O mundo está em transformação. Assim como o trabalho também. O trabalho que hoje entendemos não é o mesmo de séculos atrás. Porém, queremos compreender o trabalho de antigamente como se fosse o de hoje. É diferente.

Estudemos a categoria trabalho mais um tanto em suas metamorfoses para ver como, apesar de antiga e aparentemente tão simples, não se apresenta da mesma forma à medida do paginar do tempo. Olha-se para o trabalho como se tivesse sido sempre igual, como se nele não houvesse qualquer novidade. Averiguemos. O sistema monetário considera o dinheiro como fonte da riqueza. Já o sistema manufatureiro ou comercial coloca o trabalho manufatureiro e comercial como essa fonte. Isto consiste um progresso. A riqueza vai sendo vista não mais como mágica, porém fruto de um processo de trabalho. Todavia, era ainda uma visão limitada, pois considerava apenas o trabalho manufatureiro e comercial e não os demais. Por sua vez, os fisiocratas enxergavam a agricultura como criadora de riqueza enquanto manifestação de determinado trabalho. A agricultura era vista como resultado geral do trabalho na terra. Seus frutos eram um produto determinado pela natureza.

Adam Smith perpetra um salto extraordinário ao rejeitar o trabalho em particular do pedreiro, do marceneiro, do fiandeiro como criador de riquezas. Para ele, trata-se de todas estas formas de trabalho em conjunto, como se fosse um trabalho em geral e não mais em particular. Nenhum dos trabalhos é agora mais importante do que os demais. É indiferente qual o gênero de trabalho, importante é o fato do trabalho, independente de que tipo ele é. O trabalho é quem produz riquezas. O trabalho aparece como comum a todos. Estamos numa outra época histórica, onde qualquer pessoa pode transitar com facilidade de um trabalho a outro sem problemas. O trabalho aparece agora como um meio de produzir riqueza em geral. Antes havia o trabalho do ferreiro, do seleiro, do tecelão que acabava se confundindo com a pessoa que o executava. Era um ofício demorado a aprender, hereditário, transbordante de ornatos, adereços e detalhes especializados. Agora a pessoa munida de capacidades generalistas pode saltar a produzir qualquer coisa porque as máquinas seqüenciadas estão executando as características antes exigidas das pessoas, todavia num produto padronizado da fábrica. Agora o trabalho do homem é de um atendente de máquinas, de um operador de máquinas. Este é o trabalho moderno pertencente à sociedade burguesa moderna, não é mais o trabalho específico dos artesãos, produtores quase de obras de arte, que somente eles sabiam fazer. O que há na época do capitalismo é o *trabalho em geral*. Trata-se do caso dos Estados Unidos em franca expansão fabril. Quando os trabalhadores iam lotar as fábricas para ganhar o pão. Em oposição, na Rússia, o trabalho ainda está preso a uma determinada atividade da qual o trabalhador não se liberta. Era um trabalho ainda bastante artesanal. Deve seguir uma tradição herdada dos ancestrais que somente forças externas podem quebrar. A agricultura era a relação social dominante e não a indústria.

Os exemplos citados evidenciam como a categoria trabalho não é igual em todas as épocas. É, por sinal, produto de condições históricas e atua dentro destes limites. Marx coloca em relevo que o estudo deve refletir o movimento de transformação da realidade. E não querer encontrar o conceito teórico pronto da atualidade vivenciada e transferi-lo para todas as outras como se nunca houvesse mudado. Assim é a dialética, o método que identifica o movimento contínuo que não sucede no ar, solto, mas no decorrer da história, da sociedade e, como se não bastasse, obediente também à geografia.

Marx prossegue o raciocínio com mais outros exemplos para elucidar esta dinâmica em que uma coisa se mostra ora de uma maneira e ora de outra em diferente situação. Está implícito a idéia de movimento e transformação. Por este motivo, as análises e respectivas conclusões acabam diferenciadas em função das situações em que se enquadram. Trata-se do olhar para coisas em movimento. A mesma explicação não pode ser aplicada mecânica e automaticamente em situações dispares. Por exemplo, no Peru, o dinheiro não existe, todavia se encontram a cooperação e uma avançada divisão do trabalho, mostrando-se uma sociedade muito desenvolvida. Nas comunidades eslavas, o dinheiro e a troca

---

<sup>12</sup> Nota do Autor: o trabalho pode ser compreendido, grosso modo, a partir de um conjunto de tarefas repetitivas, seqüenciais e articuladas, já com certa rotina, desempenhado em determinado local fixo para obter com êxito regular certo produto de necessidade de antemão imaginado. Pressupõe já algum sedentarismo e desenvolvimento das forças produtivas como base. Quero dizer com isso que para surgir o trabalho é preciso o ser humano estar estabelecido em algum lugar para que as características desse trabalho possam se manifestar plenamente. Até isso acontecer, esse trabalho fixo não é a relação social dominante. É secundário. Prioritários são a pesca, a coleta, a caça para as quais as comunidades carecem se deslocar à medida que escasseiam posto que ainda essas atividades não possuem os traços de repetição, seqüenciamento, rotina, articulação e fixação. O trabalho pende mais para o sedentarismo do que para o nomadismo. O que este escriba quer dizer em suas conjecturas acerca do trabalho para compreender melhor o raciocínio de Marx é que mesmo o trabalho teve seu nascimento e desenvolvimento e padece transformação incessante, transitando até por etapas, por que não. Não é conceito acabado, dado de uma vez para sempre, pronto e grotescamente aplicado em qualquer época e lugar.

aparecem em suas fronteiras nas relações com outras comunidades. Desempenha um papel insignificante. No entanto, diz-se que é o intercâmbio que originalmente constituiu estas sociedades, o que é equivocado. O intercâmbio surge muito mais das relações recíprocas de uma comunidade distinta com a outra do que com os membros dela mesma.

O dinheiro existiu na Antiguidade, entretanto, não era o elemento dominante. Desempenhava um papel de modo unilateral e especialmente nas nações comerciais. Somente na moderna sociedade burguesa revela toda a sua força em que atinge completo desenvolvimento. Entre gregos e romanos, tipificando a Antiguidade mais culta, o dinheiro não possuía a predominância tal como conhecido na sociedade burguesa. Ele se impõe na Antiguidade no período de sua dissolução social. No Império Romano, ele era importante para pagar o salário dos soldados no exército, entretanto jamais atingiu a totalidade do trabalho. O fundamental era o imposto e as entregas em produto arrancado à força da população. Nesta análise se percebe com clareza como em Marx a interpretação do fato se modifica. Numa sociedade é uma coisa, noutra sociedade desempenha outra função, aparecendo com papéis diferenciados. E, às vezes, na mesma sociedade conforme esta se desenvolve, as relações também podem mudar de figura. As explicações não estão dadas, prontas e imutáveis, sendo iguais para os povos em qualquer situação e tempo histórico.

Estamos, portanto, agora na sociedade burguesa. Ela é a organização histórica mais desenvolvida e diferenciada de outras sociedades precedentes. Serve de modelo para estudar as sociedades anteriores desaparecidas sobre as quais se edificou. O que antes era apenas uma indicação das relações sociais vindouras segue agora se desenvolver com toda a significação. Em verdade, a sociedade burguesa ajuda a compreender as sociedades anteriores, pois tem amadurecido nela o que antes era simples semente. A forma social superior permite conhecer a forma social inferior. Quase como dizer que do vegetal formado ser possível conhecer até sua semente. A semente guarda em si as características principais do vegetal adulto e este da semente que o gerou, o que não quer dizer que não sofrem influências do meio ambiente. Por

---

**Para os economistas burgueses, as categorias da sociedade burguesa são uma verdade para todo o tipo de sociedades passadas.**

---

consequente, a economia burguesa fornece a chave para compreender a economia da Antiguidade, da Idade Média. Todavia, com uma grande diferença. Os economistas burgueses fazem desaparecer as diferenças históricas entre uma e outra. As categorias da sociedade burguesa, eles as transportam sem mediações e procuram se encaixar nas economias antecessoras como se fossem perfeitamente iguais, sem considerar história, geografia e meio social. Não vêem as transformações, como se tudo já estivesse pronto e fixado.

Certas relações sociais se atrofiaram. Por exemplo, a propriedade comunal definiu enquanto a propriedade privada se fortaleceu cada vez mais. Para os economistas burgueses, as categorias da sociedade burguesa são uma verdade para todo o tipo de sociedades passadas. Vêm-nas de um modo unilateral. As categorias podem ter se desenvolvido, atrofiado, caricaturado, mas guardam suas distinções, não são absolutamente iguais como querem acreditar e fazer acreditar. As formas mais desenvolvidas resultaram de um passado modificado em etapas e situações diversas. Para o economista burguês ou das aparências é como se tudo já estivesse pronto e acabado. Para compreender a sociedade feudal, antiga, oriental é necessária a autocrítica da sociedade mais avançada: a burguesa. E a sociedade burguesa com seus mitos só foi possível quando criticou as sociedades anteriores. É como se a crítica a distinguísse das demais precedentes.

A sociedade burguesa não inicia a partir do momento em que se trata de aspectos isolados dela. Isto é importante fixar porque os cortes que se vão praticar para estudá-la, como se fosse numa aula de anatomia, requerem uma direção decisiva para não começar errando. Cortar certo para não inutilizar ou mutilar o estudo desde o princípio. E nessa altura da explicação, Marx discute qual o melhor caminho por onde começar. Para Marx deve se tratar da sociedade burguesa como ela é. Pode se alimentar a ilusão de principiar pela renda da terra, dado que está ligada à terra enquanto fonte de toda a produção e de todo modo de ser. Absolutamente errado iniciar pela superfície das coisas visto ser o que mais se destaca. Outra vez se principia pela visão enganosa do primeiro olhar. Todas as sociedades se deparam com determinada produção superior e influente sobre todas as demais. Mas, não é essa a forma correta.

Outro exemplo esclarecedor é o caso das sociedades onde predomina a agricultura, como na sociedade antiga e medieval. Estas sociedades estão marcadas pelo caráter agrário e mesmo a indústria, com sua correspondente organização e formas de propriedade, possui um traço específico ainda de propriedade rural. É como se a agricultura ditasse o tom como as cores têm de aparecer na tela. O restante é subordinado a ela, inclusive a indústria. A indústria é um apêndice da agricultura.

O contrário é o acontecido na sociedade burguesa. A agricultura se subordina à indústria, desmembrando-se em ramos desta. E a indústria é inteiramente dominada pela lógica do capital. Enquanto domina a propriedade fundiária, a relação com a natureza é preponderante. É como se a natureza ditasse as regras das relações sociais entre os homens.

Quando o domínio pertence ao capital, ocorre o contrário. A natureza não manda mais. Esse capital passa a ser o elemento social e histórico estabelecido pela sociedade burguesa que prevalece sobre os demais. O capital acaba sendo a potência econômica dominadora de tudo. Deve constituir o ponto inicial e o ponto final do estudo. Pode-se entender o capital sem a renda da terra. Mas não se consegue entender a renda da terra sem o capital.

Agora, Marx coloca o estudo no prumo, nível e esquadro, como deve ser focado. Começar pelo capital tal como é na sociedade burguesa. É errado apresentar as categorias econômicas em ordem histórica de suas ações determinantes. Pelo contrário, a ordem delas está estabelecida dentro da sociedade burguesa na maneira como se relacionam umas com as outras e não como se fossem produto do desenvolvimento histórico exterior. É do relacionamento entre as categorias principais dentro da sociedade burguesa que deve partir o estudo. O correto é estudá-las dentro da sociedade burguesa em sua hierarquia interna, como uma parte articulada dentro de um todo maior em não em separado dela, em sua sucessão histórica. Estabelecer as conexões dentro do organismo econômico. Caso valha outro comparativo auxiliar do entendimento, é como estudar o coração em suas ligações com o pulmão, o fígado, os rins, os intestinos, o pâncreas, ou qualquer um desses órgãos não em separado, todavia em conjunto e harmonia com os demais para estabelecer o interrelacionamento recíproco. A compreensão de um ligada à compreensão do outro. A unidade particular com seu todo geral e o todo novamente com a unidade.

Determinados povos, como os cartagineses e fenícios, apareceram como comerciantes. Entretanto, os povos predominantes eram agricultores e eram estes que determinavam o quanto os segundos podiam se dedicar ao comércio exercendo-o na forma mais pura. O capital comercial sempre aparece mesmo que não seja o elemento dominante das sociedades. Ele é apenas acessório à produção agrícola principal.

As sociedades por ações aparecem no início da sociedade burguesa quando esta ainda não desenvolvera amplamente suas possibilidades. Mas, já estavam lá por gozarem de uma situação de monopólio.

O próprio conceito de riqueza nacional surgia como riqueza criada para o Estado. E o poder deste media-se pela riqueza a ele destinada. Era forma dissimulada como aparecia a riqueza, resultante não de trabalho social, todavia dos Estados serem utilizados como meio de produção da riqueza. Os Estados retiravam essa riqueza de algum lugar, que alguma sociedade produziu, mas aparecia como se fossem eles os criadores de tudo. Outra ilusão das aparências. De fato, esse mundo vasto mundo está cheio de miragens.

Para concluir esta parte de metodologia, Marx coloca para si próprio um roteiro preliminar de raciocínio para desenvolvimento de seus estudos econômicos em seções, que aparecem como segue neste mapa de raciocínio:

1. os conceitos mais abstratos que convêm mais ou menos a todas as formas de sociedade;
2. as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa: capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária;
3. síntese da sociedade burguesa na forma do Estado;
4. relações internacionais de produção.

Nestas formas gerais, Marx elucida seu novo método de investigação ainda como esboço, tal qual um rascunho com idéias esclarecidas para si mesmo. Obviamente isto padeceria novo tratamento e aperfeiçoamentos posteriores, mas já detinha uma luz para iluminar sua caminhada.

### 3 CONCLUSÃO

Qual lição se aproveita para este início de século XXI, onde o capitalismo – a sociedade que nos abriga e integramos – prossegue embrulhado por *contradições que cria para si mesmo* e interpõem a cada passo histórico obstáculos mais difíceis de transpor? É mister transformá-lo como dizia Marx nas 11 teses sobre Feurbach, mas, para tanto, antes é bom conhecê-lo. Em verdade, as lições são duas. A primeira é de que é possível conhecer a realidade econômica. Nunca em sua totalidade, mas em sua essência e generalidade. O todo é infinito, mas a essência é perceptível. Para transformar é mister conhecer. Não na totalidade, o que é impossível. Mas, na essência, o que é possível. E a segunda lição é a de que o método é fundamental. *Sem um bom método nada ou muito pouco se explica, o estudo sai confuso, tortuoso, sem direção, perdido em si mesmo.* As categorias econômicas correm o sério risco de não se amarrarem em suas relações de conexão pertencentes ao todo maior. Agora, o que Marx propõe com justeza é um novo método, composto do materialismo de Ludwig Feurbach e da dialética hegeliana. As duas contribuições foram fundidas numa ferramenta só. O materialismo necessitava da contradição entre opostos para se alimentar de movimento e não estacar num estudo imóvel e de mão única. A dialética

necessitava de transformação social e histórica para se alimentar de realidade e não virar um estudo sem substância, vaidade intelectual.

Nesse pequeno arrazoado foi colocado e debatido certo conjunto de idéias em movimento, em seu devido contexto histórico, para acometer dado estudo, que aspiramos empreender, para chegar a algum porto. Ter determinação e sentido certos. Do contrário estamos em alto mar ao sabor das ondas e dos ventos onde não se sabe aonde podem nos levar. E, caso os trabalhadores mais avançados e líderes percebam o aguilhão da necessidade histórica em suas costas para construir uma nova sociedade, capaz de superar o capitalismo, é muito importante conhecerem mais de perto esta metodologia e teoria para terem suficiente clareza na mente onde almejam chegar.

---

## REFERÊNCIAS

AQUINO, R. S. L de, ALVARENGA, F. J. M de, FRANCO, D. A. et al. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

BEER, M. **História do socialismo e das lutas sociais**: da antiguidade aos tempos modernos. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1968.

**Biografia Friedrich Engels**. (Diversos autores). Lisboa: Editorial Avante, 1986.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Coleção Os Pensadores.

TAYLOR, A. **As grandes doutrinas econômicas**. 3. ed. Publicações Europa-América, 1965.

WHEEN, F. **Karl Marx**. Rio de Janeiro: Record, 2001.